

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Geane Gonçalves da Silva

Mulheres da elite Alagoana da década de 1860: “ser traiçoeira por excelência, orgulhosa por devoção”

MACEIÓ – AL

2019

Geane Gonçalves da Silva

Mulheres da elite Alagoana da década de 1860: “ser traiçoeira por excellencia, orgulhosa por devoção”

Trabalho apresentado para a conclusão de curso de História, pela Universidade Federal de Alagoas no Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte, sob orientação do prof. Dr. Gian Carlo de Melo Silva

Maceió – AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Marcelino de Carvalho

S586m Silva, Geane Gonçalves da.
Mulheres da elite alagoana da década de 1860 : “ser traiçoeira por excellencia,
orgulhosa por devoção” / Geane Gonçalves da Silva. – 2019.
37 f. : il.

Orientador: Gian Carlo de Melo Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 36-37.

1. Mulheres - Alagoas - História - 1860. 2. Mulheres - Comportamento sexual.
3. Mulheres e literatura. I. Título.

CDU: 94(813.5)-055.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado
"Mulheres da Elite Alagoana da década de 1860: 'ser brasileira
por excelência...'" elaborada(o) por
Gleane Gonçalves da Silva e aprovado por
todos os membros da Banca Examinadora, cumprindo as exigências para obtenção do
título de Bacharelado em História.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) Jan Carlo de M. S. B.
Orientador (a):

Prof.(a) [Assinatura]
1º Examinador (a):

Prof.(a) Daílo Luiz Marques
2º Examinador (a):

Maceió, Alagoas
16/04/2019

AGRADECIMENTOS

Algumas caminhadas exigem mais de nós e sem dúvidas são essas que nos fazem mais fortes e são capazes de nos melhorar. Para essas caminhadas que exigem dedicação e renúncia precisei contar com o apoio de pessoas que me acrescentaram algo, que viram o melhor de mim até nos dias mais difíceis.

Dedico esse trabalho em memória de minha avó, dona Maria que via o melhor de mim, e conseguia enxergar longe meus passos. Meu eterno agradecimento voinha.

Minha gratidão as pessoas que fizeram parte de minha caminhada na universidade e fora dela também, as pessoas que me possibilitaram ser melhor com seu apoio e também dedicação, aos meus pais José Pedro e Sebastiana que precisaram ultrapassar seus limites para me manter na universidade. Aos meus irmãos Jonas e Jean que foram muitas vezes minha fonte de inspiração e motivação. Ao Paulo Cezar, meu namorado, por acreditar em mim, por sua ajuda e incentivo, pelas vezes que não me deixou não desistir. As cinco pessoas mais importantes de minha vida, minha eterna gratidão.

Não poderia esquecer os meus colegas de graduação pelas conversas e diálogos produtivos. Ao meu orientador Gian Carlo que me fez acreditar que eu seria a melhor historiadora alagoana e pelas inúmeras vezes que pediu que eu mantivesse a calma e paciência e que tudo daria certo.

Agradeço imensamente a Deus por mais essa etapa concluída e por todas as pessoas que Ele permitiu que passasse por minha vida e que também nela permanecesse. Hoje me sinto mais forte e moldada.

RESUMO

O nosso trabalho tem como tema central as mulheres alagoanas da década de 1860. Inicialmente analisamos alguns costumes durante o período colonial, como o adestramento do comportamento feminino feito pela Igreja juntamente com a medicina. A família também era responsável para que as moças tivessem uma boa educação e garantissem um bom casamento.

Nosso trabalho se segue com análise nos periódicos Diário das Alagoas e, O Beija Flor, periódicos da década de 1860. Esses periódicos trazem anúncios de lojas voltados para o público feminino, para as mulheres que tinham boas condições financeiras. O Beija flor que tem um viés literário é voltado para o romantismo, com poesias e, colunas que enfeitam o imaginário feminino do século XIX. Concluimos nosso trabalho com as análises desses jornais, e com a construção das mulheres da elite alagoana.

Palavras-chave: Mulheres alagoanas. Comportamento. Imprensa

ABSTRACT

Our work has as its central theme the Alagoas women of the 1860s. We initially analyzed some customs during the colonial period, such as the dressing of female behavior done by the Church together with medicine. The family was also responsible for the girls to have a good education and to guarantee a good marriage.

Our work is followed by analysis in the periodicals *Diário das Alagoas* and, *O Beija Flor*, periodicals from the 1860s. These periodicals bring advertisements for stores aimed at the female audience, for women who had good financial conditions. The *Beija Flor*, which has a literary bias, is aimed at romanticism, with poetry and columns that adorn the feminine imaginary of the nineteenth century. We conclude our work with the analyzes of these newspapers, and with the construction of the women of the Alagoas elite.

Key words: Alagoan women. Behavior. Press

SUMÁRIO

Introdução

1. Herança Colonial	11
1.2. Casamento.....	14
2. Modificações Urbanas.....	19
2.1 Lojas da Alagoas Imperial	23
2.2 Glória da Mulher	29
O Beija Flor.....	33
3. Conclusão.....	37
4. Referencias.....	38

Introdução

O tema do nosso trabalho foi desenvolvido visando contribuir com a historiografia alagoana e principalmente com a história das mulheres. Estudando sobre as mulheres que fizeram parte da elite alagoana da década 1860. Inicialmente trazemos o período colonial brasileiro como base para alguns comportamentos que permaneceram no cotidiano feminino por alguns séculos, para então entendermos o lugar ocupado pela mulher na década de 1860 e como a mesma era apresentada nos periódicos da década, como tinham produtos anunciados diretamente ao público e, também a leveza trazida às mulheres por meio da literatura.

Ter as mulheres como fonte de pesquisa não era algo comum de se encontrar, pois a história positivista se atentou para temas administrativos, diplomáticos e militares. Mas especificamente no final do século XIX, a Escola dos Annales pareceu se aproximar um pouco mais do tema por tratar da história do cotidiano, da vida real, mas a Escola dos Annales acabou servindo de fundo para que tal tema ganhasse visibilidade em um futuro próximo. (SOIHET, 1997, pág. 400)¹

Em 1960 correntes revisionistas marxistas, interessados nos movimentos da história social acabaram trabalhando um pouco mais o tema, nesse mesmo período a onda do movimento feminista deu mais força para que a história das mulheres ganhasse visibilidade, por considerar algo emergencial, termos não somente uma história das mulheres, mas também feitas por mulheres, uma historiografia representativas. (SOIHET, 1997, pág. 401).²

O presente trabalho tem como temporalidade a década de 1860, o objetivo de fato foi contribuir com a construção da história das mulheres alagoanas. Partindo das análises feitas em alguns periódicos como o jornal Diário das

¹ CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

² CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Alagoas, o periódico encontra-se disponível no Arquivo Público Alagoano (APA).

O Jornal surgiu na capital alagoana em 1º de março de 1858. Antes dele não se tem registro de jornais que fizessem publicações diárias, e o Diário Alagoano sendo o primeiro a fazer isso, tem em suas publicações informações políticas, economia, folhetins literários, crônicas e seus ilustres anúncios de lojas que em muitos casos eram direcionados as mulheres da elite alagoana.

O Diário das Alagoas acabou tornando-se um dos jornais mais importantes do século XIX para Alagoas, essa importância atribuída ao Jornal foi dada graças as suas publicações diárias. Isso acabou proporcionando uma amplitude em relação aos conteúdos que compunham as páginas do periódico, que desse modo conseguiu se direcionar a alguns grupos específicos.

As análises documentais de nosso trabalho também foram feitas no O Beija Flor, periódico semanal que surgiu em 1869 em Alagoas, o periódico encontra-se disponível na Hemeroteca Digital - BNDigital - Biblioteca Nacional. Suas publicações são voltadas para o público feminino, com um viés mais literário que noticioso.

A visão trazida muitas vezes é de que as mulheres ao decorrer da história ocuparam um lugar de passividade e obediência, não se nega que houve esse lugar para grande parte das mulheres, o que ocorreu e que muitas mulheres usaram desse lugar para fortalecer laços, formando teias que as ligavam umas as outras, com isso sua sobrevivência e vida poderia se tornar mais leve.

Algumas literaturas oitocentistas como de Joaquim Manuel de Macedo, Pedro Nolasco Maciel e José de Alencar abrem espaço para diferentes imagens femininas da época, com a Moreninha, Aurélia, Lucíola e Zulmira, são retratados comportamentos e classes sociais, sempre o amor romântico em todos os ela é centralizado, possivelmente por haver facilidade na época de despertar leitores que buscavam entender o imaginário feminino e, leitoras que se identificavam com as personagens.

Contudo, ainda tem-se muito por fazer quando se trata da História das Mulheres, a micro história faria mais sentido, pois ela é capaz de estudar as

nuances e elaborar questionamentos voltados para um único meio, com isso as mulheres poderiam ser estudadas de formas e lugares diferentes e o contexto social melhor compreendido.

1. Heranças Coloniais

O século XIX, sendo considerado o século das luzes e da modernidade, não deixou de trazer com ele costumes e uma herança patriarcal que por muito tempo teve como objetivo manter a moral e a boa conduta, principalmente das mulheres que tinham a responsabilidade de honrar o nome de suas famílias.

A mulher era considerada o ser pelo qual o pecado teria entrado no mundo e por essa razão as vontades femininas e os desejos foram sempre motivos de cuidados e preocupações. Para reafirmar essa idéia, muito foi citado um dos versículos do livro de Genesis, uma afirmativa vinda do próprio “Deus”:

*Viu, pois, a mulher que o fruto da árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e de aspecto agradável; e tirou do fruto dela, e comeu, e deu a seu marido, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram, e tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas. (GÊNESIS, 3, 6-7)*³

A Igreja durante o período colonial era encarregada de adestrar o comportamento das mulheres, para que tais pecados não tornassem a acontecer. Também as domesticava com a ajuda da família, para um bom casamento. Para que isso ocorresse era necessário que a moça fosse casta, de boa família e tivesse um bom dote, pois o casamento era uma forma de negócio e de garantir um bom futuro para as moças quando não estivessem mais sob os cuidados dos pais. (DEL PRIORE, 2009 p. 24)⁴

³ BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. 34 ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

⁴ DEL PRIORE, M. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo Ed. Unesp 2009

Além de tudo isso, existia uma divisão de classes separando as mulheres por sua cor e raça, dessa forma pode-se também fazer estudos voltados para a mulher negra, índia e branca. O campo de estudos sobre a mulher torna-se assim mais abrangente. Um adiantamento desses estudos de divisão de classes femininas é a fala de Freyre:

Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”, ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata (FREYRE, 2004 p. 72)⁵

Sobre essa classificação de mulheres que era predominante em todo contexto histórico dos séculos XVI até XIX, manteve muitas mulheres em diferentes classes sociais sendo tratadas e subjugadas de maneiras diferentes. Estudos como o de Danilo Marques em seu livro *Sobreviver e Resistir* mostra que a mulher negra esteve muito mais envolvida em trabalhos braçais e comerciais, como quitandeiras, lavadeiras, cozinheiras que a mulher branca, isso não apenas pela situação de escravizada, mais também como meio de sobrevivência de mulheres que já eram libertas.

Pelo que afirma Ronald Raminelli em *História das Mulheres no Brasil*, as mulheres indígenas aparentavam ter mais liberdade para a vida sexual que entre elas não era comum se casarem virgens, porém no casamento deveriam manter-se todo tipo de ordem familiar, onde os afazeres da mulher também estavam voltados para o cuidado do marido e de seus filhos, e o bem está da família, inclusive a contribuição para alimentação já que a mulher era responsável pela plantação de alimentos. (Raminelli, 1997 , p.11)⁶

⁵ FREYRE, Gilberto, Cardoso Fernando Henrique. **Casa-grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49. Ed. Ver. In: São Paulo. Editora Globo, 2004

⁶ DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

Contudo, alguns comportamentos femininos foram mantidos desde o período colonial, até o século XIX, costumes como casar-se virgem, ainda por muitas famílias que fazem da virgindade de suas filhas uma forma de negociação, um dote e as atividades femininas no seio familiar permanecem, sendo que outros meios são também ocupados por mulheres, por exemplo, em jornais, revistas e na educação. Entender como algumas teias foram formadas, alguns laços foram construídos entre mulheres, nos faz compreender que com passar do tempo esse laços se tornaram também formas de resistência e manifestação feminina.

1.1 O casamento

Desde a Antiguidade o casamento é uma instituição governamental capaz de manter o controle sobre a vida privada das pessoas, também por isso houve sempre uma valorização a respeito do ato de casar-se no sentido de cerimônia e na convivência diária do casal, da família constituída com a sociedade. “*O casamento continua sendo por muito tempo essencial uma “cerimônia privada, uma festa”. Um Conjunto de medidas legislativas sobre a instituição matrimonial*” (FOUCAULT, 2013, p 80).⁷

O casamento foi fundamental para a construção da sociedade por meio dele se mantinha a ordem e o controle social. Assim, pensando como relação mais fundamental e mais estreita do que qualquer outra, o vínculo conjugal servia para incluir o indivíduo socialmente.

A vida matrimonial tinha sido caracterizada por uma repartição dos encargos e dos comportamentos que a mulher não podia realizar, e ela por sua vez, efetuava as tarefas que não eram do âmbito de seu marido, era a identidade do objetivo (a prosperidade da casa) que dava unidade a essas atividades e a modos de vida, por definições diferentes. (FOUCAULT, 2013, p. 161)⁸

O casamento durante o período colonial foi algo muito desejado e sonhado por moças e rapazes, era um ideal a ser alcançado, ele acabava dando não apenas responsabilidades, mas também segurança a quem o alcançasse. (SILVA, 2014, p. 50)⁹. O casamento servia para que houvesse um

⁷ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984b. Trad. M^a Thereza Albuquerque e J.A. Guilhaon Albuquerque.

⁸ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984b. Trad. M^a Thereza Albuquerque e J.A. Guilhaon Albuquerque.

⁹ SILVA, Gian Carlo de Melo. Um só corpo e uma só carne: casamento, cotidiano e mestiçagem no Recife colonial (1770-1800). 2. Ed. – Maceió: EDUFAL, 2014.

ordenamento social, para que se mantivesse o controle da sexualidade, principalmente feminina, no casamento também se achava solução para a sexualidade que deixava de ser um pecado carnal. (DEL PRIORE, 2009, p. 116).¹⁰

Fazendo parte da política de adestramento, o casamento era a transição da obediência feminina de seus pais para seus maridos, os deveres de amá-los, ser mãe e devota faziam parte de um conjunto de normas para que as mulheres se enquadrassem no padrão social da época colonial.

O adestramento ocorria da seguinte maneira, a Igreja e a medicina uniram-se para reafirmar o mistério que envolvia o corpo feminino. A mulher, segundo os preceitos religiosos e a Bíblia, tinha sido criada por Deus para ser auxiliadora do homem, Deus tinha visto que o homem estava só e por isso deu-lhe uma companheira. (DEL PRIORE, 2009, p. 24).¹¹

O pecado de Eva, fez com que a mulher fosse apontada como causadora da perdição humana e por essa razão existia a necessidade de controlar o comportamento feminino, a mulher era tratada como uma criança que não poderia pensar por si só, dessa forma merecia toda vigilância para que não mais viessem cair em tentação.

A medicina reafirmava as diferenças biológicas entre homens e mulheres, dizendo, entre outras coisas, que o corpo feminino servia apenas para proporcionar prazer aos homens e para a procriação. Eram condenadas pela Igreja as relações sexuais que não fossem para procriação;

No processo de domesticação da mulher no interior do casamento, os aspectos mágicos da procriação foram lentamente esvaziados pelo saber médico. O fantástico poder de gerar uma vida lhe foi cobrado com tantas gestações, que ela estava perto de torna-se uma vítima de partos malfeitos, doenças e infecções. (DEL PRIORE, 2009, p. 137)¹²

¹⁰ DEL PRIORE, M. Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo Ed. Unesp 2009

¹¹ DEL PRIORE, M. Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo Ed. Unesp 2009

A mulher deveria ser retraída, longe de qualquer tipo de poder ou política, pois seus órgãos sexuais, diferente dos homens, eram voltados para dentro de seu corpo, portanto seus afazeres deveriam ser apenas dentro de casa e para sua família, dedicando-se à religiosidade e, a educação dos filhos.

Um dos primeiros papéis exercido pela mulher no período colonial foi o de instrumento de reprodução, com a escassez populacional o importante para se fortalecer a economia era aumentar a mão de obra que poderia vir em longo prazo, levando em consideração o alto índice de mortalidade infantil. Essa é uma fala trabalhada por Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*, reforçando a fala sobre a mulher como mecanismo de povoamento, o importante era acabar com a escassez populacional, mesmo que isso só ocorresse em longo prazo;

A escassez de capital-homem, supriram-na os portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade: dominando espaços enormes e onde quer que pousassem, na África ou na América, emprenhando mulheres e fazendo filhos, em uma atividade genésica que tanto tinham de violentamente instintivas da parte do indivíduo quanto de política, de calculada, de estimulada por evidentes razões econômicas e políticas da parte do Estado (FREYRE, 2004, p. 70).¹³

Inicialmente não presenciemos um cuidado com as misturas de raças, já que europeus se misturavam com índias e negras. Grande era o número de filhos que nasciam de uniões ilícitas, que eram relações que não tinham o consentimento da Igreja, da família e, que não tinham as escrituras da Bíblia como princípios básicos. As uniões ilícitas e os filhos que nasciam fora do casamento acabavam sendo considerados um problema social e os filhos colocados às margens da sociedade. (DEL PRIORE, 2009 p. 66)¹⁴

¹² DEL PRIORE, M. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo Ed. Unesp 2009

¹³ FREYRE, Gilberto, Cardoso Fernando Henrique. **Casa-grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49. Ed. Ver. In: São Paulo. Editora Globo, 2004

¹⁴ DEL PRIORE, M. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo Ed. Unesp 2009

Por essas e algumas outras razões não era de se estranhar que mulheres e concubinas muitas vezes morassem juntas, junto com seus filhos, os ilegítimos e os naturais, essas situações acabaram caracterizando a estrutura familiar brasileira como afirma Leila Mezan Algranti:

Em alguns domicílios verificamos a presença de muitas mulheres com seus filhos, porém sem maridos, também nos deparamos com situações em que um casal de cônjuges e a concubina do marido e ilegítimos viviam sob o mesmo teto. Isso sem falar nos filhos naturais e ilegítimos que muitas vezes eram criados como legítimos, tantas foram as formas que a família colonial assumiu, que a historiografia recente tem explorado e detalhe suas origens e o caráter das uniões, enfatizando lhe a multiplicidade e especificidades em função das características regionais da colonização e da estratificação social dos indivíduos. (ALGRANTE, 2010, p. 87)

Dentro das casas-grandes as mulheres usaram de suas ligações para fortalecerem laços criando teias de amizade e de compadrio, entre parteiras, simpatias de amarração e até práticas abortivas. Era usado o que se possuía em segredo para viver de maneira mais apropriada no período em que não se podia ser mais que uma santa mãezinha, que muitas vezes isso não dependia apenas de ser mulher, mas de diversos fatores que contribuía para a construção da mulher ou do ser mulher. (DEL PRIORE, 2009, 108)

Desde muito cedo eram introduzidas referências que valorizavam ainda mais a imagem feminina pura e casta, era valorizada a busca pela santidade, era dever da mulher se manter casta, durante sua vida de solteira, assim como a Virgem Maria, e durante o casamento se manterem devotas e obedientes, sendo boa mãe como Nossa Senhora do Ó.

Essas santas imagens femininas trazidas pelo catolicismo eram tão presentes no cotidiano das mulheres que eram até tratadas como parente delas, uma relação íntima e de muita devoção. Durante os partos complicados

as mulheres costumavam rezar para Santa Margarida, dizendo “*Minha Santa Margarida não estou prenhe nem parida*”. (DEL PRIORE, 2009, p. 231).¹⁵

Como forma de aliviar a dor a mulher apegava-se as suas santas, que eram exemplos da importância da dor, para justificar na maternidade toda carnalidade cometida durante os atos sexuais, a maternidade vinha como uma maneira de purificação dos atos pecaminosos que só eram justificados pela maternidade. (DEL PRIORE, 2009, p. 27).¹⁶

Preservando a diferença de gênero a maternidade também separava as atividades familiares dentro e fora de casa, era a mulher quem educava os filhos, que os formavam homens de bom caráter, e preparavam suas filhas para serem seguidoras dos bons costumes e terem bons casamentos, serem mulheres submissas e obedientes aos seus maridos. (DEL PRIORE, 2009, p. 24).¹⁷

¹⁵ DEL PRIORE, M. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo Ed. Unesp 2009

¹⁶ DEL PRIORE, M. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo Ed. Unesp 2009

¹⁷ DEL PRIORE, M. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo Ed. Unesp 2009

2. Modificações demográficas e urbanas

A mudança da corte portuguesa para o Rio de Janeiro trouxe mudanças significativas, é bom salientar que essa transferência de Portugal para o Rio de Janeiro ainda que fosse significativa para o Brasil não teve a intenção de trazer melhorias para a colônia, dado que o principal objetivo era fugir das tropas de Napoleão.

Com isso, o século XIX é considerado o século das luzes e da modernidade, pois a família real se muda para o Brasil, com toda corte para o Rio de Janeiro, causando assim mudanças no cotidiano brasileiro; a população estava ligada a idéia de ter um corte tão perto, e também os benefícios que isso poderia causar ao Brasil, como aberturas de portos, livre comercio, e influencia de leituras, romances, novelas, ocorreu um processo de reorganização social.

Mary Del Priore, em *A vida Cotidiana do Rio de Janeiro*, artigo disponibilizado no IHGB, mostra a transferência da corte de Portugal para o Rio de Janeiro, essa transferência é apresentada pela autora de maneira detalhada, com o destaque de aspectos que por muitos passaram despercebidos, aos poucos a colônia vai ser transformando em metrópole, digna de reinado, como diria a autora, a colônia amanheceu metrópole. Isso mexeu muito com a cabeça das pessoas, alterando assim o comportamento delas, elas ficaram felizes e levantando o questionamento, de que forma elas viveriam agora e iriam se comportar? Por isso Del Priore nessa sua obra sempre usa contrapontos do período colonial para analisar o período imperial, no que se trata do cotidiano das pessoas.

Alguns acontecimentos não são fatos isolados, o caso da mudança para o Brasil, foi pela ameaça de invasão que sofria a metrópole, o que ocorre depois da mudança e que contribuiu com a futura independência do Brasil, pois com isso preservou a unidade nacional;

A transferência da corte Portuguesa de Lisboa para o Rio

de Janeiro em 1807- 1808 precipitou acontecimento que tiveram conseqüências a longo termo Modificou radicalmente as relações entre mãe-pátria e a sua mais próspera colônia; traço o curso da independência brasileira e contribuiu materialmente para preservar a unidade nacional . (MANCHESTER, 196, p.3)¹⁸

Os fatores externos que foram capazes de provocar mudanças grandes e significativas também causaram mudança no cotidiano, o que poderia parecer despercebido, porém isso deu a todo Brasil um ar de modernidade onde as pessoas eram mais influenciadas pela moda, literatura, comércio, urbanização etc. Mesmo o cenário não sendo de pura riqueza e luxo, o importante era manter a aparência de luxo e status social, para isso as pessoas utilizavam alguns meios, como até mesmo o casamento.

Gilberto Freyre em *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX* mostra alguns fatores importantes para o avanço do Império nos anos de 1848 até 1856, a economia é um dos pontos que Freyre analisou, foi o código Comercial colocado em vigor em 1850, melhorava e facilitava o crédito comercial, permitindo que o Banco do Brasil emitisse papel-moeda. No comércio estrangeiro vemos que a exportação de café, açúcar, algodão, peles, aguardente, jacarandá e chifres aumentaram mais de 100% entre 1848 e 1856. Outro fator que também melhorou essa economia foi o fato de ter ocorrido 10 anos de paz doméstica e desenvolvimento da produção agrícola e do comércio estrangeiro.

Freyre mostra o quanto a Europa influenciou os brasileiros da elite do século XIX, onde a influência era também intelectual, pois por volta de 1850 a 1860 as mentes inteligentes brasileiras dedicaram-se a política e à literatura e ficaram entre jornalismo e política e alguns autores começaram a surgir como Gonçalves Dias e José de Alencar que trabalharemos mais a diante, com suas obras indianistas e Antônio Peregrino Maciel Monteiro que ficou conhecido com seus poemas românticos para cortejar baronesas.

¹⁸ MANCHESTER, Alan. *A Transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro*. In: Revista do IHBG, vol. 277, out-dez. pp. 3-44.

Antes de adentrarmos na década de 1860 é importante entender em quais condições se encontrava o Brasil e, como isso pode ter influenciado a capital da província, pois o século XIX é um século de constantes mudanças, tanto no cenário urbano quanto demográfico. Voltando um pouco a década de 1830 quando Maceió funcionava apenas como um pequeno centro comercial e exportava açúcar, algodão, a farinha de mandioca e o fumo. (MARQUES, 2016, p. 41).¹⁹

O cenário econômico muda quando em 1839, Maceió tornou-se capital da Província das Alagoas, com isso teve um alto desenvolvimento urbano, com construções de prédios e praças. Essa troca de capital teve com um dos principais influenciadores a porto do Jaraguá, que já tornava Maceió um pólo econômico.

Em 1872 o censo demográfico brasileiro mostra que em Alagoas nos tínhamos 19 municípios, com uma população total de 348009 habitantes, sendo 35741 de pessoas escravizadas e 312268 referentes à população livre. Percebemos segundo os dados expostos por Marques que o índice populacional era de 28. 630 habitantes, nesse número se contava 4. 822 apenas escravos.

Como nosso estudo se concentra na década de 1860, teremos esses dados expostos por Marques como base para um levantamento populacional, e a partir esses números pensar no público feminino que era influenciado pelas publicações de jornais e folhetins, e também como esse público era exposto, como se construía o imaginário feminino na sociedade.

¹⁹ MARQUES, Danilo Luiz. **Sobreviver e Resistir**: Os caminhos para liberdade de escravizadas e afro-americanas livres em Maceió (1849-1888) – Blumenau: Nova Letra, 2016. 168 pp.

2.1 Lojas da Alagoas Imperial

Mesmo com heranças patriarcais a mulher da elite do século XIX vai adotando outra forma de comportamento, onde aparentemente surge a necessidade de construção do seu espaço, uma diferença dos séculos anteriores, onde a lugar da mulher era devidamente dado, no seio familiar.

As mudanças ocorridas afetaram diretamente a estrutura patriarcal, dado que a mudança do campo para a cidade provoca esse enfraquecimento no patriarcalismo, onde também a mudança do meio público para o privado provoca mudanças nessa estrutura familiar. As mudanças econômicas na estrutura patriarcal foram significativas tanto para a organização família quanto social, a família saía dos campos para as cidades. (Mello, 2010, pág. 414).²⁰

A mudança econômica deixou à tona a desvalorização de algumas formas de negocio como o casamento. O dote ele foi deixando de existir e outros aspectos foram ganhando forma para garantir um bom casamento, dado que as pessoas passavam muito tempo para receber o dote, o que começou a garantir um bom casamento foi à caligráfica das moças que mostrava se elas tinham recebido ou não uma boa educação, com isso houve um investimento na educação das filhas.

Essa transição do público para o privado trás um individualismo, que prioriza o núcleo familiar, os negócios são tratados por parentes e familiares, tirando da mulher a responsabilidade de parceiras de negócios.

A emancipação dos filhos e filhas tornou-se comum, dando mais liberdade a homens e a mulheres que poderiam sair da tutelas de pais e mães viúvas, muitas vezes assumindo e tomando conta de seus negócios e finanças;

A mulher ganhou espaço de consumidora juntamente com as crianças já que do homem ainda provia o sustento da casa, dessa forma o comercio se

²⁰ SILVA, Gian Carlo de Melo. Um só corpo e uma só carne: casamento, cotidiano e mestiçagem no Recife colonial (1770-1800). 2. Ed. – Maceió: EDUFAL, 2014.

favorecia e aumentava suas especiarias com mercadorias diversas, fazendo jus ao que a sociedade colocava como necessidades femininas.

O Diário das Alagoas em suas últimas páginas quase que diariamente fazia anúncios de lojas localizadas no centro de Maceió, com esses anúncios podemos construir o vestuário das mulheres alagoas que tinham boas condições rentáveis.

Essas lojas se atentaram a anunciar grandes números de produtos femininos da época, como ramos de flores, leite para tirar panos, sardas e espinhas, chalés de merinó bordados com palmas de veludo, saídas de baile, cortes de cambráice, livros religiosos, leques, botinas sem salto. Chita larga, chapeós, enfeites de rosa para o cabelo, luvas de jouvin, pentes de tartaruga, entre tantas outras coisas que compunham o vestuário das mulheres maceioses. José de Alencar em sua obra literária *Senhora* é um dos autores que demonstra valorização e apressa pela aparência feminina;

Quando o carro parou em diversas casas, indicadas na nota que o carroceiro recebia. Seixas oferecia à mão a mulher para ajudá-la a apoiar-se, e a conduzia pelo braço a escada, que ela subia só, pois precisava se ambas as mãos para nadar nesse dilúvio de sedas, rendas e jóias, que atualmente compõem o mundú da mulher. (ALENCAR, 2002)²¹

A aparência da mulher alagoana era valorizada, como podemos ver algumas lojas se mantiveram em alta e conseguiram publicar por mais vezes no Diário das Alagoas, a loja o Villarouco publicar durante toda uma década é a loja que mais faz anúncios femininos com isso concluímos que existia um público destinatário que freqüentava a loja e se mantinha na moda da época, contribuía para o comércio local. Em um dos anúncios se anunciava, saídas de baile, roupas de festa, onde mostra a necessidade de ter uma roupa específica para se apresentar nos eventos sociais.

²¹ ALENCAR, José de. "*Senhora*". In ALENCAR, José de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959a, vol. I.

As principais lojas a fazerem anúncios ficavam localizadas no centro de Maceió, no quadro abaixo podemos ver as lojas e seus principais produtos anunciados; as lojas no quadro abaixo marcadas com “x” são das lojas que vagamente faziam anúncios e esses eram apenas convidativos, sem a pretensão de anunciar seus produtos;

Tipologia dos anúncios da década de 1860				
Nomes das Lojas	Moda	Vestuário	Tecidos	Beleza
Antonio Silva Rego e Irmão	Chapellinhas modernas; Saias bordadas.	Chapéos; Espartilhos. Calçados, Camisas de linho inglesa	X	X
Armazem da Fazenda	X	X	X	X
Bazar Maceioense	X	Luvas. Botinhas sem salto.	X	Água Divina
Guilherme de Souza Bastos	X	X	X	X
Henrique da Cunha Rodrigues	X	X	X	X
José Antonio Lourenço de Souza	Saias de balcões modernos	X	X	X
José Gonçalves Guimarães	X	X	X	X
Loja do Andrade	Balões com esqueleto	Bolsas para viegem.	Musselina moderna	Pentes de tartaruga;
Loja da Estrella	X	Luvas	X	X
Loja Gonçalves Dias	X	Calçados	X	X
xLojas de Fazendas Ramos	X	X	X	X
Manuel Ignácio Costa	X	Calçados	X	X
Mirelles e Braga	X	Chapéos	X	X
Pharmacia Do Claudino Falcão dias	X	X	X	Produtos de beleza, águas de purificação para a pele, tratamento de sardas e espinhas.

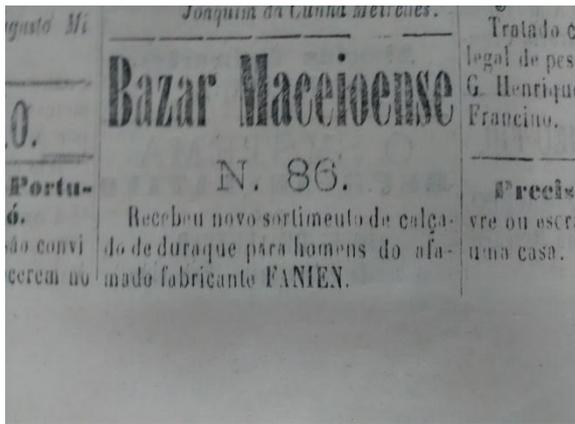
O Cysne, loja de Ricardo Brennand Monteiro	X	X		Algodão, chita, Bretanha de linho,
Rapé Paulo Coelho	X		X	X
Sertanejo	Balões para senhoras	Chapéus; Luvas; Calças para senhoras e meninas; Calçados.	Chitas, madraço e algodão. Seda para vestidos.	Fitas coloridas para os vestidos
Villarouco	saídas de baile.	X	X	X

Esses anúncios como já vimos também faziam parte das páginas diárias do Diário de Alagoas, com eles os jornais que acabaram caracterizando o feminino da década, ainda tivemos o avanço econômico por meio do Porto do Jaraguá, e a instalação do comércio inglês nessa região do Jaraguá, vejamos abaixo algumas imagens de como esses anúncios eram apresentados nos jornais;



Páginas de anúncio do Diários das Alagoas (Arquivo Público Alagoano)²²

²² Arquivo Público Alagoano - Diário das Alagoas, Maceió, 1860



Recorte do Jornal Diário das Alagoas anúncio do Bazar Maceioense (Arquivo Público Alagoano)²³

A mulher alagoana acompanhou o avanço das mulheres de outras partes do país. O século XIX coloca a mulher em outros espaços sociais, como o teatro, os banhos públicos, onde não apenas ir à missa. Trazia cuidados com a aparência, dado que temos anúncios de produtos para a pele. Tantos outros lugares foram surgindo com a movimentação de um novo tempo que parecia surgir que os anúncios das lojas, deixavam claro que também tinham saídas para baile, era agora século XIX a vida em movimento fora das casas-grandes.

²³ Arquivo Público Alagoano – Diário das Alagoas, Maceió, 1860

2.2 A Glória da Mulher

Entre essas publicações de anúncios encontramos discussões a respeito do comportamento feminino. Durante as análises feitas no Diário das Alagoas da década de 1860, notamos surgir nesse período uma discussão a respeito da ocupação feminina. Os homens estão bem engajados com seus argumentos a provarem qual espaço social era destinado para as mulheres.

Na primeira publicação da *A glória da Mulher* o redator que assinalou como o Dédalo fez uma crítica as mulheres por serem falsas entre elas e se abraçarem e cumprimentarem como nunca tivessem falado mal uma das outras, ainda atribuindo sua glória para as pompas e luxo, onde a mulher foi retratada com caráter desprezível vejamos só : "*Ser traiçoeira por excellencia, orgulhosa por devoção, julgar-se rara e singular em tudo- eis a glória da mulher*"²⁴ e destacando que a glória do homem era notada por sua coragem e bravura.

Sendo essa coluna publicada em 18 de julho de 1860, no dia 26 de agosto tem uma resposta por parte de alguns leitores que se levantam em defesa da mulher, tornando o jornal placo de debates, esses defensores reafirmaram que a primeira glória da mulher era a pureza d'alma e candura, essa primeira parte em resposta ao Dédalo mostra a doçura da mulher, bondade e passividade.

Um dos autores do texto em pedido do leitor que assinou apenas *M.M*, falou da Revolução Industrial, como meio de movimentação feminina para a sobrevivência de *entes* queridos e delas mesmas. Vários atos heróicos trazidos pelo redator no intuito de romper com toda a negatividade imposta sobre a mulher pelo Dédalo.

Uma publicação a pedido no dia 28 de agosto por D. Adelaide mostra insatisfação com o Dédalo e queixosa mostrou-se defensora dos direitos femininos como cita o redator, não se sabe ao certo se o Dédalo tinha a intenção de levantar falatórios em Alagoas, mas a maneira a qual descreve as mulheres chegou a incomodar, fazendo com que no dia 30 de agosto, outra resposta fosse dada a sua primeira publicação que o colocou como

²⁴ Arquivo Público Alagoano – Diário das Alagoas, Maceió, Agosto de 1860

desorientado e enraivecido contra o belo sexo. Ainda viu os escritos do Dédalo como vício, merecendo assim o castigo e o perdão, que por meio do seu arrependimento exclamariam que reconhecia a pureza da mulher.

Essa última resposta ao Dédalo trouxe um ponto chave capaz de abrir ainda mais discussões, se seria a mulher desonrada e impura isso não era culpa dela mais do homem que a corrompeu o retardo ainda afirma ser incapaz de discutir os princípios bíblicos para a entrada do pecado no mundo por meio de Eva.

Em uma publicação do dia 31 de agosto o Dédalo se manifesta não para se desculpar, o que poderia ser previsto, depois de tantas respostas incomodas com sua publicação, porém o Dédalo fala que a mulher ainda que tivesse sua glória sempre estaria um ponto inferior ao homem;

"A mulher porem o que tem feito? Vive no mundo feito um estafermo, esperando que o homem a conduza pela mão como menino de cigo. A mulher a unica descoberta prodigiosa que tem feto é a traição, e o modo de enganar. Nisso são grandes, eu o confesso".(Diário das Alagoas, 1860, 31 de agosto)²⁵

Colocando a mulher como intermediadora para que o pecado entrasse no mundo, *"Pela mulher entrou o a perdição no mundo, por ella foi alimentada"* (Diário das Alagoas, 1860,31 de agosto).²⁶ O homem por sua vez diferente da mulher só queria negocio com Deus, já a mulher dialogava muito bem com o mal, assim como fez com a serpente.

O Dédalo trouxe sentimento de revolta em relação a mulher, como a sua fala acaba levando para a sociedade pensamentos que foram bem apresentados durante a Idade Média a respeito da inferioridade da mulher em relação ao homem. Segundo o Dédalo, a única mulher que se poderia dizer

²⁵ Arquivo Público Alagoano – Diário das Alagoas, Maceió, Agosto de 1860

²⁶ Arquivo Público Alagoano – Diário das Alagoas, Maceió, Agosto de 1860

que era pura era Maria Santíssima, cuja mulher virgem tinha sido destinada pela trindade para dar ao mundo o Redentor.

Depois dessa última coluna publicada, surgiram outras duas em defesa da mulher primeira no dia 03 de setembro, exaltando sua beleza e bondade e a segunda em 05 de setembro, com a seguinte fala;

Snrs. Redactores, é incrível que, no século XIX, século das luzes apareça um Dédalo, com furias de um dragão, querendo ultrajar a obra prima de Deus! A mulher! É uma verdade incrível! O Dédalo certamente ignora quem o deu à luz. (Diário das Alagoas, 1860, 03 de setembro)²⁷

Essa foi a última publicação em resposta ao Dédalo, depois de vários argumentos usados para trazer à boa imagem feminina, depois de mostra a insatisfação de uma sociedade que já se mantinha distante de padrões que inferiorizavam as mulheres.

Os jornais do século XIX ainda utilizavam de recursos bíblicos para retratar a imagem feminina, mas não eram os jornais criadores dessa imagem, ela fazia parte e pertencia à tradição judaico-cristã, como afirma a historiadora Joana Maria Pedro, em *Histórias das Mulheres no Brasil*, quando fala sobre as mulheres do Sul do país.

Os jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontradas na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais. (PEDRO, 1997 pág. 281)²⁸

²⁷ Arquivo Público Alagoano – Diário das Alagoas, Maceió, Setembro de 1860

²⁸ DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

A elite recém-formada no Brasil recebia influencia européia, definindo novas formas de comportamentos. Esses comportamentos já eram existentes nos centros da Europa, eram apresentados nas páginas de alguns jornais brasileiros, abrindo assim espaço para que houvessem mais lugares ocupados por mulheres, principalmente em casas e centros comerciais. Essas novas funções atribuídas às mulheres não eram tão valorizadas como o 'ser mãe' e continuar com suas funções no núcleo familiar.

A imagem das mulheres prostitutas ainda era trazida como referências para definir como as mulheres não deviam se comportar, isso não apenas trazidos nos jornais, como em obras literárias, como veremos adiante, pois para se preservar a boa imagem utilizavam de todos os recursos necessários, principalmente as missas, onde mais mulheres poderiam ser alcançadas. (PEDRO, 1997, pág. 305)²⁹

Publicações como a do Dédalo eram presentes no Jornal Republicando de 1893, que se trata de 33 anos a frente do nosso período estudado nesse trabalho, podemos entender que essas publicações serviam para regularizar comportamentos femininos, pois a partir desses comportamentos a honra do homem era mantida e valorizada; *“Além disso, as razões para acusarem de “faladeiras” com tanta veemência as mulheres talvez estivessem vinculadas à preocupação com a honra masculina”* (PEDRO, 1997 p. 311)³⁰ Não apenas a honra mulheres dependia delas, mas também as das mulheres, pois ambas estavam interligadas e o crime de honra quando havia traição por parte da mulher era aceito socialmente.

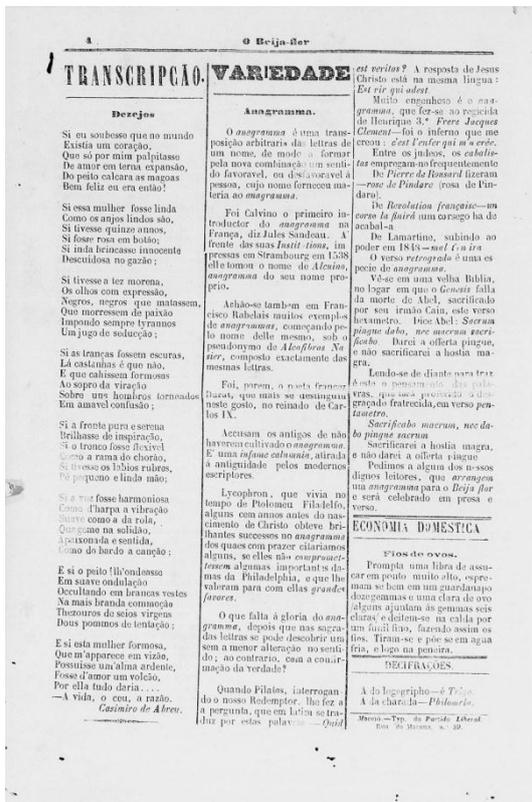
²⁹ DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

³⁰ DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

2.3 O Beija Flor

O jornal *O Beija Flor* era periódico semanal que fez suas publicações no ano de 1869. O jornal tinha mais características literárias que noticiosas. No dia 16 de maio de 1869 publicou “a pedido de algumas de nossas leitoras, damos em seguida, extrahida do jornal dos Familiares, a descrição das figurinos do correte mez”. O anúncio tratava de vestuário, descrevia o que estava sendo usado no mês de maio, o que as mulheres pediram nessa publicação mostrando o acesso que as mulheres tinham ao jornal.

Uma poesia de Casimiro de Abreu, publicada no *O Beija Flor*, começa falando do seu desejo de ser amado, por uma mulher que ele mesmo caracteriza, com tez moreno, com idade de 15 anos, olhos negros, lábios rubros, cabelos escuros, que tivesse pé pequeno e linda mão, são características desejadas pelo poeta em sua escrita



(O Beija Flor, 1869, 16 de maio)

O poema de Casimiro de Abreu é publicado no Beija Flor no final da década de 1860, nesse momento percebemos que mais mulheres tinham acesso a esse jornal, como havíamos falado ele tem um viés mais literário, tendo suas publicações direcionadas ao público feminino.

O poema fala sobre o desejo do sujeito em encontrar a mulher amada, ou que fosse amado de tal forma por um perfil específico de mulher. Ao mesmo tempo em que ele denota características físicas, ressalta qualidades de sua personalidade ou pelo menos que ele considera como qualidades, como a ingenuidade, formosura, harmoniosa e os 15 anos de idade.

Toda exaltação à beleza e delicadeza feminina, era resultado de uma sociedade onde a mulher se destacava por seus traços e sua pureza. A poesia refletiu o ideal de mulher a ser amada. Com isso muitas mulheres poderiam ter buscado se enquadrar nesse padrão de beleza, por meio do que era disponibilizado no comércio: roupas, jóias, fitas para os cabelos. Uma beleza jovem que poderia se

apagar logo depois do casamento quando as vestes eram mudadas e logo os laços de fita eram substituídos pelos coques nos cabelos.

Para contrapor com o tipo de mulher desejado e caracterizado por Casimiro de Abreu temos Zulmira da obra de Pedro Nolasco Maciel. Ela era o oposto e mais uma vez vemos a necessidade de mulheres como Zulmira para que as imagens das santas e puras fossem valorizadas.

A obra de Pedro Nolasco Maciel, *Traços e Troca*, é classificada como crônica vermelha e literatura quente, nessa obra conhecemos o romance de Zulmira e Maciel que se passa na Maceió Imperial. A falta de pureza de Zulmira é justificada pela necessidade de sobrevivência, vendo que a mesma passar dificuldades financeiras com sua mãe, dona Maria;

A Barriga não espera. É um saco que nunca enche. Nesse mundo não fazemos outra coisa senão comer. D^a. Maria tinha razão. A sociedade, diz Mensão, é corrupta. Não pergunta onde se foi ver a riqueza inda eso que

*tenha certeza de sua má providencia. (MACIEL, pág. 33. 2013)*³¹

O dilema vivido por Zulmira era entre ter suas paixões saciadas e manter um relacionamento com Manoel, como forma de garantir sua sobrevivência e de sua mãe. A vida de uma mulher solteira por muito tempo não era bem vista socialmente, os conselhos de dona Maria a Zulmira deixam claro o lugar que elas ocupavam socialmente e também qual deveriam ocupar;

*Não é tanto assim, minha doida. Seria uma tolice abandonar um rapaz que nos tem servido tanto. Depois, ainda mesmo que, não lhe tenhas amor, ele te serve perfeitamente para marido. Nós mulheres, precisamos de legalizar as nossas estroinices, e a melhor garantia para vivermos em liberdade é um marido condescendente...(MACIEL, pág. 146, 2013)*³²

Manoel era apaixonado por Zulmira, que era o oposto de algumas mulheres que tiveram sua pureza exaltada. Zulmira buscava a luxúria, o prazer e a riqueza em curto prazo. Com isso ela perdeu o amor de Manoel, que em todo tempo os escritos o autor, o coloca como apaixonado e mostra-o com boas intenções e vontade de casar, porém essa vontade não foi suficiente para manter a relação; (MACIEL, 2013, pág. 150)³³

O resultado da traição de Zulmira é especificado no livro, ela pagou um preço com a própria vida, sendo desprezada pela mesma sociedade que em muitos momentos a acolheu, e comemorou festa com ela. Zulmira tornou-se cortesã do mais baixo nível. A importância da pureza para as mulheres era ressaltada, isso era garantia de um bom casamento, de uma vida no seio da família, primeiro com os pais e depois com seus maridos, o que algumas

³¹ MARCIEL, Pedro Nolasco. **Traços e Troças** (crônica vermelha: literatura quente) Maceió: DEC,1964

³² MARCIEL, Pedro Nolasco. **Traços e Troças** (crônica vermelha: literatura quente) Maceió: DEC,1964

³³ MARCIEL, Pedro Nolasco. **Traços e Troças** (crônica vermelha: literatura quente) Maceió: DEC,1964

literaturas como essa mostra é que fora da boa conduta esperada não existe conforto ou bem estar.

3. Conclusão.

As mulheres da elite alagoana eram mulheres atentadas à aparência, aos cuidados com o corpo, ligadas a literaturas e romances. Com isso, desenvolvimento desse trabalho possibilitou um melhor conhecimento do campo da historiografia alagoana, mostrando que esse campo torna-se cada vês mais amplo. Tendo diferentes temáticas, isso dar espaço para visibilidade de temas que antes não eram tratados e nem trabalhos, como por exemplo, a História das Mulheres que citamos no início do nosso trabalho, que só foi possível depois que a Escola do Annales, abriu um pequeno espaço para que a história do cotidiano foi estudada e, essa história feita e contada por mulheres ganha maior visibilidade com a influencia do femininos.

A importância de discutir nosso tema está ligada a necessidade de mostrar que as mulheres tiveram participação ativa na construção da história. As mulheres estiveram inseridas nesse mercado consumidor da década de 1860, como em tantos outros lugares também.

4. Referencias

DEL PRIORE, Mary. **História do Cotidiano e da Vida Privada**. CARDOSO, Ciro Flamarion S. [et al] Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

FREYRE, Gilberto, Cardoso Fernando Henrique. **Casa-grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. Ed. Ver. *In*: São Paulo. Editora Globo, 2004

DOSSE, François. **A História em Migalhas**. Tradução Dulce A. Silva Ramos. *In*: São Paulo: Ensaio, Campinas, SP: Editora Universidade de Campinas, 1992.

BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. *In*: São Paulo: Unesp, 1992. Editora: Marcos Vinicos Benedete Netto. 2013

MARCIEL, Pedro Nolasco. **Traços e Troças** (crônica vermelha: literatura quente) Maceió: DEC, 1964

FREYRE, Gilberto. **Vida Social no Brasil. Nos meados do século XIX**. 4ªed. São Paulo, Global 2008.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: 1929-1989**. A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984b. Trad. M^a Thereza Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Censo_demogr%C3%A1fico_do_Brasil_de_1872
27/03/2019.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. 34 ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

DEL PRIORE, M. **Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo Ed. Unesp 2009

SILVA, Gian Carlo de Melo. **Um só corpo e uma só carne: casamento, cotidiano e mestiçagem no Recife colonial (1770-1800)**. 2. Ed. – Maceió: EDUFAL, 2014.

MANCHESTER, Alan. **A Transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro**. *In*: Revista do IHBG, vol. 277, out-dez. pp. 3-44.

MARQUES, Danilo Luiz. **Sobreviver e Resistir**: Os caminhos para liberdade de escravizadas e afrobrasanas livres em Maceió (1849-1888) – Blumenau: Nova Letra, 2016. 168 pp.

ALENCAR, José de. “**Senhora**”. In ALENCAR, José de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959a, vol. I.

Arquivo Público Alagoano – Diário das Alagoas, Maceió, Setembro de 1860